

«A necessidade de afirmar a igualdade levou à desvalorização das diferenças. Talvez porque o reconhecimento destas esteve demasiado tempo associado a desigualdade, traduzindo-se em estereótipos de domínio / submissão, atividade / passividade, em vez de permitir a afirmação de discursos diferentes, mas feitos a partir de uma mesma matriz. Daí a tentação de não pensar a diferença como se a igualdade não pudesse conviver com a diversidade, como se todos pudessemos ser tudo. E, por isso, também a recusa em aceitar que somos todos marcados pela incompletude, pela necessidade radical de abertura ao outro, diferente, mas igual, no reconhecimento mútuo duma mesma dignidade. (...) Educar para a igualdade não é anular as diferenças, mas reconhecer a flexibilidade e a plasticidade dos papéis. Não é tratar todos da mesma forma, o que, embora possa parecer paradoxal, só faz aumentar a desigualdade, mas a cada um de forma única, não encerrando ninguém em estereótipos rígidos. (...) Muita investigação empírica tem sido desenvolvida, documentando a influência e as atribuições causais dos estereótipos de género na percepção, nos julgamentos, na predição de comportamentos, nos processos de interação social, na percepção da própria competência. (...) Alguns autores fundamentam as suas explicações das diferenças de género em fatores biológicos como os efeitos hormonais, a diferenciação genética ou a especificação das estruturas cerebrais (resumo destes estudos em Huston, 1983; Lloyd, 1985; ou Ruble, 1988). Mas as descobertas são geralmente inconclusivas. Outras abordagens procuram conciliar os fatores biológicos e sociopsicológicos na explicação da diferenciação de género. Cita-se como exemplo, o ensaio de Roge e Ionesco (1996) para quem o ponto de articulação entre os determinantes biológicos e as pressões do meio é a comunicação não verbal, em especial as primeiras modalidades que se manifestam logo após o nascimento. Para estes autores, o complexo comportamental que caracteriza cada sexo e determina o seu estilo de adaptação e de comunicação, organiza o envolvimento no sentido em que dirige as respostas que a criança vai receber. As perspetivas teóricas que maior contributo têm dado para a análise dos mecanismos envolvidos na transmissão, apreensão e manifestação dos estereótipos de género possuem uma orientação essencialmente psicossocial, considerando o processo de desenvolvimento dos papéis de género na criança como o produto das interações biunívocas entre a criança e o seu meio. Referimo-nos fundamentalmente, às teorias da aprendizagem social, do desenvolvimento cognitivo, do esquema de género e sociocognitiva. (...) A flexibilidade dos papéis de género é entendida, geralmente, como a capacidade para reconhecer que tanto homens como mulheres podem ou poderão manifestar comportamentos similares e empenhar-se nas mesmas atividades, e que nem todos os homens e mulheres se comportam da mesma maneira.»

Neto, A., Peça, A., Pomar, C., Chaleta, E., Folque, A., & Cid, M. (1999). Estereótipos de género: uma proposta de intervenção na formação inicial de professores/educadores. *Cadernos Condição Feminina, Coeducação-Do Princípio ao desenvolvimento de uma prática.*

**Faculdade de Psicologia | Instituto de Educação
UNIVERSIDADE DE LISBOA
Alameda da Universidade
1649-013 Lisboa
Tel.: 21 794 3891/92
E-mail: biblio@fpie.ulisboa.pt**



Biblioteca

Mostra bibliográfica abr' 2023

Questões de género

Questões de gênero

Amâncio, L. (1994). *Masculino e feminino: a construção social da diferença*. Afrontamento
PROC/SOC AMN*MAS

Blakemore, J. E. O., Berenbaum, S. A., & Liben, L. S. (2013). *Gender development*. Psychology Press.
SEX BLK*GEN

Burr, V. (2002). *Gender and social psychology*. Routledge.
SEX BRR*GEN

Calvert, M., & Terry, J. (2005). *Processed lives: Gender and technology in everyday life*. Routledge.
TECN/ED TRR*PRO

Chow, E. N.-L., Wilkinson, D., Zinn, M. B. (Eds.) (1998). *Race, class and gender: Common bonds, different voices*. SAGE
PROC/SOC CHW*RAC

Francis, B., & Skelton, C. (2001). *Investigating Gender: Contemporary Perspectives in Education*. Open University Press
SOC/ED FRN*INV

Gray, J. (2018). *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus: um guia prático para melhorar a comunicação e conseguir o que você quer nos seus relacionamentos*. Editora Rocco.
SEX GRY*HOM

Golombok, S., & Fivush, R. (1994). *Gender development*. Cambridge University Press.
SEX GLM*GEN

Howard, J. A., & Hollander, J. A. (1997). *Gendered situations, gendered selves: A gender lens on social psychology* (Vol. 2). Rowman & Littlefield.
SEX HWR*GEN

Lamont, E. (2020). *The mating game: How gender still shapes how we date*. University of California Press.
SEX LMN*MAT Ex. 1

Mead, M. (1962). *Male and female: a study of the sexes in a changing world*. Penguin Books
SEX MEA*MAL

Nelson, D. L., & Burke, R. J. (2002). *Gender, work stress, and health*. American Psychological Association.
PSI/SAU NLS*GEN

Neto, A., Peça, A., Pomar, C., Chaleta, E., Folque, A., & Cid, M. (1999). Estereótipos De Gênero: Uma Proposta De Intervenção Na Formação Inicial De Professores/Educadores. *Cadernos Condição Feminina, Coeducação-Do Princípio ao desenvolvimento de uma prática*.
SOC/ED NET*EST

Nkwake, A. M. (2013). *Changing Gender Roles?: A Study on Fathers' Involvement in Childcare*. Tate Publishing.
TER/FAM NKW*CHA

Offerman-Zuckerberg, J. (Ed.). (2013). *Gender in transition: A new frontier*. Springer Science & Business Media.
PROC/SOC OFF*GEN

O'Leary, V. E., Unger, R. K., & Wallston, B. S. (Eds.) (1985). *Women, gender, and social psychology*. Lawrence Erlbaum Associates.
PROC/SOC OLE*WOM

Queirós, M., Marques da Costa, N., Morgado, P., Vale, M., André, I., Guerreiro, J., & Siborro, S. (2016). *Gênero e Mobilidade. Desigualdade no Espaço-Tempo. Informação para as Políticas*. Centro de Estudos Geográficos
PROC/SOC QRS*GEN

Pease, A., Pease, B. (2006). *A linguagem corporal: porque é que os homens coçam a orelha e as mulheres mexem na aliança*. Bizâncio
PERS PEA*LIN

Radtke, H. L., Stam, H. J., & Stam, H. J. (Eds.). (1994). *Power/gender: Social relations in theory and practice* (Vol. 13). Sage.
PROC/SOC RDT*POW

Scoats, R. (2019). *Understanding threesomes: Gender, sex, and consensual non-monogamy*. Routledge.
SEX SCT*UND

Torres, A. (2018). *Gênero e idades da vida: educação, trabalho, família e condições de vida em Portugal e na Europa*. CIEG.
PROC/SOC TRR*GEN Ex. 2

Thébaud, F. (2007). *Écrire l'histoire des femmes et du genre*. ENS éditions.
HIST/ED THB*ECR

Veiga, F. H. (2012). *Transgressão e autoconceito dos jovens na escola* (No. 3ª). Editora Fim de Século.
PSI/EDUC VEI*TRA Ex. 1

Walkerdine, V., & Lucey, H. (1989). *Democracy in the Kitchen: regulating mothers and socialising daughters*. Virago.
SOC/ED WLK*DEM

Williams, J. E., & Best, D. L. (1990). *Sex and psyche: Gender and self-viewed cross-culturally*. Sage
SEX WLL*SEX

Winstead, B. A., Derlega, V. J., & Rose, S. (1997). *Gender and close relationships*. Sage Publications, Inc.
SEX WNS*GEN

Wodak, R. (Ed.). (1997). *Gender and discourse*. Sage.
LING/COM WDK*GEN